

Diversão

» RICARDO DAEHN

"O Milton Nascimento (na tela de cinema) não fala abertamente de tudo, mas está tudo colocado. Tudo fica presente, com as respostas devolvidas no tempo dele e, à sua maneira, as coisas e os temas começam a fluir muito melhor", comenta a cineasta Flavia Moraes, que, no documentário *Milton Bituca Nascimento*, compactou em duas horas de projeção em cinema, mais de 50 anos de carreira e ainda o material de uma extensa turnê vivenciada por mais de dois anos. O trajeto foi extenso, com equipes de cinema acompanhando o astro da música pela Itália, Espanha, Inglaterra, Portugal e as costas Leste e Oeste dos Estados Unidos, além de temporadas de captação de imagens em Minas Gerais, por grutas e cidades históricas, isso além de São Paulo e Rio de Janeiro.

"De tantas horas gravadas, digo que eu tenho uma série de Milton Nascimento, com este projeto de documentar os acontecimentos dessa turnê como colunas vertebral para o filme. Buscamos contar o seu dia a dia e os bastidores. Além disso, o encontro com os fãs e a emoção das histórias que vêm e são lembradas pelo caminho. Hoje, daria material para série. Temos mais de 100 h o -

MILTON NASCIMENTO TEM MUITO DOS ÂNGULOS REVELADOS, NO MAIS RECENTE FILME DA DIRETORA FLAVIA MORAES, POR DOIS ANOS, NA TURNÊ DE DESPEDIDA DOS PALCOS

ras de entrevistas. É uma loucura, uma quantidade impressionante", esclarece a diretora. Tons amorosos se sobrepõem aos informativos. Momentos raros e declarações chegam, em particular, com as cenas de uma entrevista com Milton, com a câmera operando na fresta da porta de um quarto, "como quase numa atitude de voyeurismo — e na qual ele soltou muito".

Na base da intuição e das sugestões de assuntos, "as coisas foram aparecendo", com diz Flavia Moraes. Orquestras em lugares tão díspares como Estônia e Ouro Preto emolduram a jornada que conta com mais de 40 depoimentos de personalidades como Sérgio Mendes, Paul Simon, Zé Ibarra e Herbie Hancock. Artistas plásticos, Osgemeos pintaram um painel que viajou com Bituca pelo mundo na última turnê. Do cenário do show brotou a ideia da diretora de agregar à narrativa uma imagem definitiva do cantor e compositor: "Os convidei (Osgemeos) para pintar uma revelação, um retrato do Bituca, já que, desde o início, considere o processo de fazer o filme como um retrato. Um retrato cujas cores se definiram no nosso caminho de estrada", pontua a diretora.

Visões que alcançam até mesmo o fim da viagem, com Gilberto Gil e Carminho, além do próprio homenageado, que refletem sobre finitude da vida. Angústias e responsabilidades de esquadrihar Bituca, que tem a doença de Parkinson, foram atenuadas pelo texto de apoio (criado pelo jornalista gaúcho Marcelo Féla e pela diretora) que retornam a diretora (moradora, por anos, no exterior) no retorno "a imersão no centro do Brasil". A voz da leitura do texto coube à atriz Fernanda Montenegro. "Quer dizer: um texto lido pela Fernanda?! Poderia ser até o de um menu do café da manhã de hotel, que já vale muito...", diverte-se Flavia Moraes.

RETRATO AFETIVO DE BITUCA

ENTREVISTA // FLAVIA MORAES, CINEASTA

Há comparativo entre Milton, chamado de totem no filme, e o Dalai Lama?

Sou budista, estive no Nepal e na Índia. Tive o privilégio de, há 12 anos, acompanhar o Dalai Lama em visita feita pela América do Sul, com palestras (reunidas pela Palas Athena). O Dalai é um menino, um menino de quase 90 anos e o Milton é um menino de 82 anos, e eles vibram dentro de uma esfera singular, funcionam numa corrente de energia única. É mais fácil entender ambos a partir justamente da luminosidade, da presença e de suas forças.

Fatores de saúde complicaram as filmagens, e como ele trata o fim da estrada?

A saúde do Milton era uma preocupação grande, não só por, pessoalmente, ele ter saído da pandemia fragilizado. Ele ficou isolado, e o Bituca, isolado, se ressentiu muito. Ele vive dos amigos e da energia das

pessoas em volta. Antes do filme, precisava justamente ouvir dele se, além da turnê, já com proporção de epopeia, ele teria vontade e disposição para fazer o documentário. Da turnê, primeiro, me respondeu que sim, de forma muito clara e contundente. Ele queria viajar e se despedir dos seus fãs — ter o olho no olho dos fãs — pela última vez. Quanto à disponibilidade, em termos mental e emocional, falei que iria dar muito trabalho, mas que só poderia fazer um filme à altura dele. Ele foi extremamente generoso. Um grande mérito do filme é mostrar a fragilidade sem nunca expor uma imagem fragilizada. Ele está gigante no documentário. Quanto ao fim, o filme, de certa forma, responde essa pergunta, quando a narrativa questiona: "o que é o fim para um imortal".

O filme anterior, de Ana Rieper, do Clube da Esquina, é complementar ao teu?

É um filme que está minha lista,

por assistir. É óbvio que o Clube da Esquina seja dos momentos mais significativos da vida de Milton e da obra dele. Mas ela se espalha em outros aspectos e momentos muito importantes, inclusive, fora do Brasil. Explicações para ele, se encontra em Minas, no Brasil profundo. Com nosso filme, avançamos no leque daquilo que ia acontecendo na estrada. Gosto de pensar nesse filme como um road movie, orgânico na narrativa. É como se a gente pintasse um retrato do Milton com as cores que foram se definindo nessa estrada.

Qual o teu contato com a obra?

Milton faz parte da minha iniciação musical, quando eu tinha 12 anos. Minha primeira mesada, aos 12 anos, foi gasta com dois discos: *The dark side of the moon* (Pink Floyd) e *Clube da Esquina*. Depois, a vida me levou para outras culturas, outros rumos e países, e passei muito tempo sem ter contato com a obra do Milton. No meu retiro

pandêmico, junto com o meu border collie, retomei Milton, como uma espécie de conforto de retorno, de retornar ao Brasil. Bituca me deu um espaço e uma confiança que ensinou muito. O homem é mais difícil de explicar e o filme trata disso. Ele é um cara de muitas camadas e costume dizer que a explicação do Bituca não é racional. A gente não explica o Bituca — a gente sente.

Como foi o cuidado com o som?

O maior desafio do filme é a sua edição sonora. Eu tinha uma preocupação muito grande de que esse filme seria, principalmente, um filme para o Milton, e ele tem um ouvido absoluto. Cuidei de editar esse filme de forma que ele parecesse uma viagem musical, sem nunca cortar. A gente respeita os ciclos musicais, as frases musicais, os versos, mas vem intercalado com as entrevistas. Priorizando o sentido do que está sendo dito para que essas entrevistas pousassem dentro

Existe uma dimensão de Milton que vocês não conseguiram contemplar com o filme?

Que pergunta difícil! Com certeza Milton é muito maior do que eu poderia eventualmente ter a pretensão de descrever integralmente. Milton ele tem muita propagação, daí termos optado por um recorte que, de certa, me protege. Quer dizer: a gente pintou um retrato dele com muito respeito com muita amorosidade. Mas eu tenho absoluta certeza de que ele tem facetas e tem uma amplitude que a gente, sequer, chegou perto.

PRESENTE AOS CINÉFILOS

Com a expectativa de triplicar a venda de ingressos, na próxima quinta, ao completar 13 anos de idade, o Cine Cultura Liberty Mall (SCN Qd. 2) colocou peso na divulgação de preço promocional das sessões para a data: R\$ 13. Com quatro salas de exibição, há fator de multiplicação de oportunidades, dado o esforço da direção dos cinemas. Costumeiramente, cerca de 10 filmes se revezam em cerca de 15 sessões diárias. Para a data especial, em todas as sessões,

a partir das 14h, vale o promocional, que pode ser adquirido, previamente, na bilheteria e no site ingresso.com. Algumas estreias na programação estão contempladas, entre as quais *Parthenope*, *Quando chega o outono* e *Meu nome é Maria*.

A qualidade nos lançamentos diferenciados traz o status para o Cine Cultura que mobiliza círculos de cinéfilos. Atenção especial tem consolidado eventos de pré-estreias e debates com público

frequentador. Convidados nacionais, do porte de Luiz Carlos Barreto e Daniel Oliveira, misturaram-se a presenças como Geraldine Chaplin e Anna Karina, sem contar Luis Puenzo (diretor do longa argentino vencedor do Oscar por *A história oficial*). Ações como a próxima, no dia 3 de abril, com a presença de Murilo Salles para debater o documentário que conduziu — *Mario de Andrade: o turista aprendiz* — fortalecem o ciclo de cultura fomentado no local. Tudo

num quadro bem diferente dos dezoito meses em que os cinemas do Liberty ficaram fechados, dada a pandemia. A recuperação de público aos patamares pré-covid-19 se deu em fins de 2024.

Nem tudo, entretanto, é celebração, diante da virtual impossibilidade, pela limitação de gestão de cultura do GDF (como ressalta a direção do cinema), de perpetuação do projeto ousado e "bem dimensionado" do Biff — Brasília International Film

Festival, estruturado, por cinco edições, para colocar Brasília no circuito dos grandes festivais internacionais. "Queríamos corresponder ao status de capital do país e de uma obra criada por Oscar Niemeyer e Lucio Costa, que se tornou um patrimônio cultural da humanidade. O festival era formativo, informativo e reunia cinematografias de todos os continentes", ressalta o administrador das salas Nilson Rodrigues.